



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VI - Nº. 61

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL

Abril 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Como atua a mente Superior na força Curativa (continuação)

Essa crença verdadeira não é um conhecimento cristalizado, é uma verdade viva e uma percepção espiritualizada. Crê no teu mais alto eu, e experimentarás esse poder e te espantarás do milagre que em ti se realizará!

Em verdade, quem achou sua mente superior, acima estará de todas as dores.

E quem pode viver em sua mente superior, isto é, a quem seu corpo lhe submete, nela só confiado, esse nunca adoecerá, pois ele está na fonte da vida e da saúde!

Nesta era o homem descobrirá a **leis das forças espirituais** e o seu emprego na saúde do corpo. Cada qual será o próprio médico e curador. E cada qual em harmonia viverá com a natureza e seu criador.

Se, agora, tu, ó peregrino de pouca fé, que desejas possuir esse poder ainda nesta vida e ser teu próprio curador, deves acima de tudo, aprender a aplicar a arte de **silêncio mental**.

Só pela **força curativa desse silêncio** poderás sanear tua mente inferior, torná-la sã e livre, e só assim tua mente supe-

rior defluirá sobre ti as suas forças, e pelo vigor das suas forças perceberás que estás fora de todas as dores. Todavia, ó peregrino iluminado, não procures tua mente superior, teu curador e salvador fora de ti mesmo, senão em teu próprio coração, pois lá vive ele e lá te espera! T

Silêncio! O poeta persa Hafis exprimiu admiravelmente essa grande verdade assim:

“Por muitos anos implorou meu coração a taça do elixir libertador.

Vê só! Implora de um estranho o que ele mesmo já possui.

Vê só o enigma! Implora o coração as pérolas divinas da **verdade**, que jaz fora do Oceano do espaço e do tempo, aos pobres dos viajantes, que perderam sua senda nas praias do precível.”

Propus o árduo problema ao santo maior dos magos, capaz de deslindar, com o auxílio da divina inspiração, quaisquer enigmas.

Vi o mágico alegríssimo, o qual na mão sustendo a taça do elixir, mirou nesse espelho do Universo os centenários milagres!

Perguntei-lhe: “Quando te doou o onisciente Deus essa taça que tudo espelha?”

Disse ele: “No dia em que Ele ergueu essa abóbada cristalina e o azul do céu.”

De novo perguntei-lhe: “Que se perde-

ria da fascinação da Sua beleza caso levantasse Deus, do seu rosto, o véu do segredo?”

E Ele respondeu: “Aquele Amado, por meio do qual foi consagrada a cruz da veneração eterna, nenhuma culpa teve mais que a de haver desvendado os segredos de Deus¹”

Se mais uma vez o Espírito Santo concedesse a outro a graça, poderia este realizar também o que o Messias uma vez realizou. Teu coração, porém que implora, fora de ti, o elixir redentor do mundo, é insensível! Pois não percebe que Deus está sempre com ele. Por isso, busca-o fora de si clamando para longe:

“Ó Deus! Ó Deus!” **Silêncio!**
Iranschahr – Gnose Junho de 1938

“Um pouco de História” O Novo tratado Gnóstico de Turim

A publicação de um novo tratado essencialmente gnóstico, é de real vantagem para todos aqueles que, a um título qualquer, e com as razões as mais variadas, se ocupam das antigas doutrinas filosóficas que marcaram época na humanidade; todos aqueles que se interessam por essas velhas doutrinas contraíram pois uma dívida de gratidão para com Sr. Francesco Rossi, de Turim, e que acaba de traduzir e publicar nas Memórias da Academia Real de Ciência de Turim, um documento sensivelmente precioso, cuja origem tornou conhecida tanto quanto lhe foi possível, assinalando em bem poucas páginas toda a sua importância.

Eu não saberei agradecer-lhe em fazer preceder o texto, de um reduzido número de considerações, que são as mais verdadeiras, as quais no entanto, poderia ter desenvolvido; desde que não o fez, torno a liberdade de executá-lo aqui com todos os detalhes que outorga a minha já antiga ligação com os Gnósticos, porquanto forneceram-me o objeto do meu primeiro estudo científico, há 16

anos, e cuja companhia continuei a frequentar.

Quando eu tiver colocado meus leitores em condições de julgar o documento, terminarei por uma tradução francesa do mesmo tratado, afirm de dar aos leitores franceses, que por ventura não estejam familiarizados com o idioma italiano, o meio de poderem pessoalmente se inteirar da sua justeza ou inexatidão, da sua documentação e das ponderações que precederão, desejando, da melhor maneira que me seja possível e permitido, encher algumas lacunas que o texto nos oferece e, conseqüentemente, melhorar a tradução do Sr. F. Rossi.

O documento em questão provém do Egito, a terra que já forneceu os outros tratados gnósticos que se encontram em nosso poder. Colhido no Egito por Bernardino Drovetti, foi por este dado ao célebre “coptisant” Amede Peyron que o deixou, com outros manuscritos no mesmo idioma, ao seu sobrinho Bernadino Peyron; este o assinala nas “Memórias da Academia Real de Ciência de Turim” desde o ano de 1876, e depois os da Biblioteca Nacional de Turim. Donde proviria esta obra, salva por milagre da destruição?

É o que somente Drovetti poderia dizer, se ele o soubesse; entretanto, como o texto é escrito em dialeto tebano, isto é, no dialeto literário em uso no alto Egito, é certo que a obra foi traduzida, pois eu não o considero como uma tradução de um original grego, nessa região. Mas o alto Egito começava nas pirâmides de Gizeh, para terminar na primeira catarata; vê-se que entre esses dois extremos, há uma margem aproximadamente de 200 léguas.

Não é possível melhor determinar a procedência desta obra. Entretanto, poder-se-ia pensar, com certo fundamento, que um monge deveras ignorante, como melhor veremos depois, mas apaixonado por tudo aquilo que possuía sinais de mistério e de magia, tenha copiado esta obra, em seus momentos de ócio, o fato não seria novo, e as doutrinas gnósticas conservaram-se assim, por meio de

fragmentos, até o século XIV da nossa era em certos conventos dos mais célebres do alto Egito.

Que data poder-se-ia presentemente atribuir ao nosso documento? Um fato incontinente em seu favor é o ser ele escrito sobre papiros e não em pergaminhos. Qualquer que seja a época em que o pergaminho tenha começado a ter uso mais freqüente no Egito, é indubitável não possuímos nenhum manuscrito com data anterior ao século XII.

Por outro lado, o papiros foi usado no Egito pelo menos até o século XI da nossa era. São, pois outros elementos para se poder chegar a solução de um tão difícil problema. Esses elementos são, logo de início o tipo da escrita, e depois a ortografia empregada.

Infelizmente não poderei dizer o que quer que seja sobre a escrita dos papiros, senão possivelmente ser ele escrito em "onciaes", porque não vi o manuscrito e o Sr. F. Rossi nada disse que me pudesse esclarecer sobre o assunto.

Ao contrário, é ele de ortografia adotada pelo copista, o Sr. Rossi demonstra decisivamente que esse copista não conhecia as regras adotadas pela ortografia literária, o que era comum à maioria para não dizer totalidade dos copistas egípcios. Não é pretexto citar o emprego de diversas cartas, umas por outras, é suficiente dizer que a troca que podemos constar no presente documento, se tenha dado talvez antes da adoção do tipo ortográfico, nos séculos XIV e XV, quando os copistas eram muito ignorantes.

Como esta segunda época é muito tardia, é preciso deduzir sobre a primeira, que deveria começar pelo V ou VI séculos da nossa era. Uma particularidade que geralmente se analisa encontra-se no que comumente se determina "iotacismo". Este "iotacismo" consiste no emprego de uma por outra, indiferentemente, de diversas letras do alfabeto grego que possuíam o som representado pela vogal "i".

Tenho muitas vezes acentuado, no curso dos meus estudos que nos manuscritos os mais antigos, as palavras gregas muito gran-

des que entram no vocabulário dos autores coptas, são geralmente escritas como devem, segundo a ortografia clássica, enquanto que, ao contrário, o "iotacismo" emprega-se na razão direta da distância que há entre o momento em que o copista se ocupa do documento, e a época na qual a literatura **copta** era mais florente.

Nos papiros do qual me ocupo, o "iotacismo" é largamente empregado, o que poderia atribuir a copia desse manuscrito ao século IX ou X da nossa era. Mas como o tratado é escrito sobre papiros, é preciso que se considere isso além da ortografia, creio não me enganei muito, atribuindo a cópia desse papiros ao V ou VI século, e possivelmente até para mais tarde ainda. Mas a questão da antigüidade da obra original, é inteiramente independente da época na qual a obra gnóstica tenha sido copiada.

O que há de certo, é que nos encontramos diante de uma obra essencialmente gnóstica e de gnosticismo egípcio. O Sr. F. Rossi fez um tratado sobre as "virtudes particulares que os Espíritos celestes receberam de Deus".

Peço permissão para discordar da opinião do meu sábio colega de Turim. Como o leitor poderá por si mesmo compreender, é uma cena de iniciação, que nos foi conservada pelos papiros de Turim, ou melhor, uma cena que apresentava por meio de um ofertório e de longo encantamento pronunciado, que constitui propriamente o texto do tratado, a melhor maneira de assegurar aquele que a desempenhava, primeiramente o poder sobre o anjo Gabriel, e por ele sobre todos os anjos invocados e que reunidos, dessem caça a todos os maus Espíritos, nas direções de Norte, de Sul, leste e Oeste, em cima e em baixo deste mundo e a uma distância determinada.

Este encantamento devia ser citado em condições determinadas que vinham indicadas no início dos papiros, empunhando certos emblemas, tais como selos ou amuletos, sendo que a última ou uma das últimas páginas, trazia a figura daquele que executava as súplicas; como os tratados mágicos egípcios, que ordenavam construir uma figura de cera, argila

ou qualquer outra matéria conveniente ao fim desejado, também possivelmente os iniciados gnósticos deveriam fazer reproduzir em desenho ou barro cozido a imagem do suplicante.

Em qualquer dos casos é a doutrina egípcia encontrada em todas as épocas da história do Egito, mesmo na Cristã. Esta doutrina era a seguinte: o suplicante e o suplicado obrigavam-se reciprocamente por meio de um contrato sinalagmático, a conferir mutuamente constantes benefícios, segundo condições determinadas. Essas condições consistiam de preces e ofertas, feitas de tais e tais modos. Se o suplicante observasse exatamente essas condições, obrigava a divindade suplicada a umedecê-lo protegendo-o e a conceder tudo o que pedisse.

A razão primitiva da prece, era concedendo, concedendo “do ut des”, como diziam os latinos. Não pretendo de maneira alguma, que esta doutrina tenha sido particular ao Egito, mas como o documento que eu analiso procede do Egito, não vejo razão para preocuparme com os outros países.

Poderão sem dúvida objetar que o tratado está cheio de nomes de Anjos na forma hebraica, e que esta particularidade poderia indicar para o mesmo, outra origem que não a egípcia.

Esta única particularidade não é suficiente para invalidar minha opinião, é perfeitamente admissível que um autor, escrevendo em egípcio, tenha se valido de palavras estrangeiras, sem contudo usar as impróprias, para assim conseguir maior realce as suas imagens.

Os modernos autores que quiseram plagiar as obras dos antigos sobre semelhante assunto, nada mais fizeram que tomar os nomes ou palavras empregadas por seus antecessores, com o intuito de dar as suas obras, o exterior arcaico, gnóstico ou Cabalístico. Não há pois necessidade de tomar por base essas pequenas particularidades.

Aliás, não nego que as doutrinas, as quais ele faz alusão em nosso tratado, não sejam doutrinas de sincretismo. Estou inteiramente

persuadido do contrário. O que pretendo afirmar é que o Egito contribuiu grandemente na obra em questão. Assim pois, fala-se no tratado que aqui apresento, “das quatro colunas do céu”, essas quatro colunas do céu são os quatro pontos de apoio adaptados sob os quatro membros da deusa Céu, para mantê-la nas alturas e auxiliar assim o Deus protetor Schou, que cada manha separava a deusa de seu esposo Sab ou Deus-Terra, e a arrebatava para as suas caricias.

Essas colunas do céu, tornam-se mais tarde, por uma série de evoluções, que não trato aqui, os “quatro pontos cardeais”. Da mesma forma, referem-se a eles, como já expus anteriormente, quando os espíritos maus deverão ser perseguidos em baixo, em cima da terra, de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

A terra, segundo os egípcios, era oriunda do abismo originário, o Buthos de Valentim, em baixo da Terra, havia esse abismo originário, bem como acima, o abismo das águas celestes donde provinha o Nilo. Esses dois abismos haviam sido, sem dúvida reunidos pelas crenças primitivas, pois que neste lugar existia um Nilo subterrâneo, assim como um Nilo celeste; é fora de contestação, que a descrição do Nilo subterrâneo tenha fornecido ao grego Sócrates e primeiro tipo da descrição que Platão fez dos rios infernais, no “Phedon”.

Como todos os tratados gnósticos mantidos em nosso poder, este não contém senão uma ínfima parte das doutrinas gnósticas, tais como as conhecemos, pelas obras dos Padres da Igreja.

A “Pistis Sophia” é a narração, em episódios, das infelicidades do “aeon” Sofia, na teoria de Valentim; igualmente, “o tratado dos invisíveis divinos” e o “Logos em cada mistério”, dão-nos tão somente uma pequena parte das doutrinas transformadas em teorias, seja por intermédio de Basilides, Valentim ou ainda do outro autor gnóstico de menor envergadura.

(continuará)

E. Amelineau – Gnose junho 1938